

04-09-2020

SOBRE TRABALHO, SAÚDE E PASSARINHOS

Francine Dias

[Assistente Social. Doutoranda Ensp/Fiocruz]

“A cabeça pensa onde os pés pisam”, afirmou Frei Betto.

A minha cabeça cresceu pensando numa casa simples, onde desde muito cedo responsabilidades diversas se somaram sob um corpo infantil. Aprendizados também, a maioria desescolarizados. Parte deles oriundos do brincar na terra, com folhas, sementes, água, brincadeiras, danças e cantigas populares ensinadas pelas mães velhas e velhos da vila.

Em momentos mais críticos, nos primeiros anos da vida adulta, sobressairam-se as responsabilidades da assistente social e estudante de pós-graduação, com pouco espaço para o prazer de ler além dos textos formatados pelo saber normativo-científico. Eu já havia esquecido o que tempos antes aprendi com Manoel: “**Hai muitas importâncias sem ciência**”, logo eu, criada por uma mulher que não entrou na escola.

O sistema faz isso, vai produzindo esquecimentos até que deixamos de **sentir**. A vida se resume a um eterno produzir e [se] consumir. O corpo que já não dançava transformou-se num todo frágil, adoecido no e pelo trabalho. Foi quando decidi que precisava viver além do prescrito. Reencontrei-me com elementos que me faziam pulsar. Há dez anos, com pés pisando em outros caminhos, assisti um documentário (Pro dia nascer feliz) que em determinado trecho mostrava o modo como o trabalho **pode** sufocar a potência humana. Na obra, uma jovem contava sobre seu **encantamento** com a poesia, encontro que fez brotar **potências criadoras** num momento antes habitado por dor e sofrimento. Tocada pelos **afectos** de leitora, ela passou a escrever e também encantar, movimento oportunizado por um Fanzini da sua escola. Pouco tempo mais tarde, já trabalhando numa fábrica onde tinha a função de dobrar calças, viu esvaír a potência poética de suas palavras, captura que se estendeu ao seu modo crítico de pensar a vida. Nas suas palavras, ela deixou de ter momentos para **sentir alguma coisa**, criticar. Esses incômodos moviam sua mente e dedos no papel. Ela afirmou: “falta alguma coisa pra mim e eu não sei o que é...”. Experimentou o “mesmal”, diria Manoel.

Mais recentemente, observamos o surgimento de cursos de “escrita criativa” e de “escrita afetiva”, dispositivos que se apresentam como ferramentas que pretendem ajudar pessoas a se deslocarem no sentido de uma escrita mais sensível e menos dura, possibilidade sequestrada pelo *habitus* acadêmico que tem modelado o dizer, da escola ao doutoramento.

Essas e muitas outras coisas sem importância tem feito eu me lembrar de um hino lançado há quarenta anos: *Another Brick In The Wall*. A música rejeita o controle do pensamento e dos corpos e reconhece a existência de uma racionalidade que nos transforma em mais um tijolo no muro.

Nas cenas finais do videoclipe, antes da revolta de alunos contra esse sistema perverso, aparece a maquinaria que conduz jovens à etapa em que são finalmente **moídos**, tal como a carne do supermercado. Até quando o mercado e as variadas instituições continuarão a **moer gente**?

Que outros meios **menores** e “**desimportantes**” podem nos potencializar na direção de uma vida que não se meça pela **utilidade**?

Essas perguntas se repetem diariamente na minha cabeça, pois como lembrou Ailton Krenak, “**o amanhã não está à venda**” e “**a vida não é útil**”.

Desde o início desta pandemia, tenho experienciado simultaneamente o isolamento social, o trabalho formal, o trabalho doméstico e o cuidado familiar, o tempo todo e sem parar. Estou em casa, lugar onde meus pés estão pisando e minha cabeça precisa pensar (lugar de reconhecido privilégio numa sociedade desigual e de profundas injustiças sociais). Dessa vez, mais atenta e com a ajuda de **passarinhos**, tive a oportunidade de recusar uma nova rotina adoecedora, que já se manifestava sob forma de sintomas diversos.

A essa altura também havia me reencontrado com Manoel. Gentilmente, ele me sugeriu **desacostumar** de novo com o que nos dizem ser relevante. Passei a fazer pausas na janela e a ouvir o que passarinhos tinham a dizer. Eles me cantavam coisas outras que o trabalho não ensina e o sistema não diz. Por que diabos aceitamos que é preciso fazer coisas o tempo todo? Como incorporamos essa ideia de **produtividade**?

Por que “**produtivo**” virou elogio?

Com quanta **saúde** se paga esse título?

Os passarinhos me ensinaram que da **janela** mesmo dá pra sentir o cheiro do amanhecer, das nuvens que seguem caminhos de vento, mudando de cor com o passar das horas; sentir o carinho que a brisa faz no rosto. Também dá pra sentir o calor do sol, a dor de cabeça some feito feitiço.

A janela virou floresta inventada, tem plantas de folhagem colorida que catei nos canteiros públicos – uma amiga deu nome chique de coleta botânica – plantadas em vasos que viraram tela para eu pintar o que pulsa.

Manoel me lembrou o valor das “**coisas que não pretendem**”, das coisas “desimportantes”, como as caixas de papelão que armazenam alimentos. Destinadas a lixo, transformaram-se por aqui em quadro colorido pela minha filha, também afetada pelo confinamento. “**Inutensílios**”. Latas velhas e outros tipos de coisas dispensáveis nos deram vida.

Coisas que acontecem quando compreendemos que “bonito é o desnecessário”.

Esse ex-devir-lixo o ambiente também dispensa.

Coisas pequenas que vão produzindo saúde no meio do caos, uma forma de **escapar** do que aprisiona.

Não me refiro às paredes do meu pequeno apartamento.

■ ■ ■